

## AS RECONFIGURAÇÕES DAS MEMÓRIAS. UMA RESENHA DO LIVRO *PUNK, FANZINES AND DIY CULTURES IN A GLOBAL WORLD*<sup>79</sup>

MEMORY RECONFIGURATIONS. A REVIEW OF THE BOOK *PUNK, FANZINES AND DIY CULTURES IN A GLOBAL WORLD*

LES RECONFIGURATIONS DES MÉMOIRES. REVUE DU LIVRE *PUNK, FANZINES AND DIY CULTURES IN A GLOBAL WORLD*

LAS RECONFIGURACIONES DE LAS MEMORIAS. UNA REVISIÓN DEL LIBRO *PUNK, FANZINES AND DIY CULTURES IN A GLOBAL WORLD*

Gabriel Barth da Silva

Universidade do Porto, Faculdade de Letras da Universidade Porto, Porto, Portugal



Figura 1: Capa do Livro *Punk, Fanzines and DIY Cultures in a Global World*

Fonte: <https://www.palgrave.com/gp/book/9783030288754>

<sup>79</sup> Resenha crítica do livro “Punk, Fanzines and DIY Cultures in a Global World”, editado por Paula Guerra e Pedro Quintela, publicado em janeiro de 2020 pela Palgrave Macmillan.

A presente resenha pretende discutir o livro *Punk, fanzines and DIY cultures in a global world*, que possui como editores Paula Guerra e Pedro Quintela. O livro possui um prefácio escrito por George McKay, pioneiro nos estudos das culturas *do-it-yourself* (DIY), caracterizados por produções de materiais vinculados com expressões subjetivas e/ou artísticas, vinculados, nesse caso, com o movimento *punk*, pela via dos *fanzines*, que são objetos feitos em casa, feitos individualmente ou coletivamente, com distribuição limitada. São inclusivos enquanto movimento social, e, como ressalta George McKay, apresentam diversas entrevistas de bandas e identidades gráficas *punk*, e pelo seu facto cotidiano, aproximavam quem as escreve e produz com quem os consumia.

Como é explorado por Nascimento (2010), os *fanzines* permitem suprir a carência de uma mídia que comunique com alguns grupos sociais sobre suas demandas próprias, permitindo a veiculação de ideias que estariam marginalizadas nos grandes veículos midiáticos. São permitidos, a partir desse formato, diversos discursos, desde irônicos até mais incisivos, normalmente havendo a demanda para causar movimento, transmitindo uma mensagem, salientando o carácter ideológico de suas produções historicamente. Porém, como ressalta Atton (2010), os *fanzines* não são apenas expressões individuais, mas estão inseridos em uma lógica de contínuo diálogo entre escritores, músicos e consumidores, mantendo um ideal estético compartilhado sobre quem participa de seus contextos. Permite-se, então, perceber essas expressões como realidades sociais em si, com suas características, regras e sistemas, não funcionando apenas como resposta contra algo.

Essas manifestações são centrais para compreender, a partir de diversos prismas, diversas expressões geradas pelos grupos que as produzem. E esse é o fulcro deste livro. Desde a análise de Androutsopoulos (2000) que se propõe a compreender como o discurso escrito em *fanzines* alemãs é estruturado, a partir de análises quali-quantitativas, ressaltando como quem produz atua com uma linguagem própria articulada em seu contexto sociocultural e de seu público de consumo em conjunto com a atividade gráfica. Por outro lado, o trabalho de Ribera (2018) revela, a partir de relatos de diversos episódios de movimentos *punk* no Brasil, como o *fanzine* sempre acompanhou e manifestou as demandas desses grupos sociais, e como vários participantes centrais que manifestaram contra o conservadorismo, que, em contrapartida, sempre vigiou e ameaçou o movimento.

Na realidade portuguesa, os editores do presente livro já possuem uma bagagem acerca do tópico, o que ressalta a qualidade do material que contempla a obra. Em trabalhos como em Guerra & Quintela (2016), os editores já demonstram domínio sobre o tópico abordado, analisando os processos dos *fanzines* em Portugal a partir de uma leitura processual histórica sobre essas manifestações. Percebe-se, então, como são expressões complexas e multifacetadas, que possuem sua raiz histórica em diversos locais do mundo, permitindo diversos olhares possíveis sobre suas produções, e como são fontes históricas e contemporâneas de manifestações marginalizadas pelas grandes mídias. Aliás, a *pedra de toque* deste livro é mesmo essa: a liderança de uma publicação de referência mundial por autores fora do espectro anglo-americano, a partir de Portugal para o mundo.

Partindo dessa apresentação, o livro segue-se por trabalhos que vão estar em contínuo diálogo entre o desenvolvimento de *fanzines* e seu contexto pelo mundo. Os trabalhos exploram essa realidade a partir de diversas práticas cotidianas, as situando no Reino Unido, em Portugal, na Grécia, no Brasil, no Canadá, na Argentina e na França. É

ressaltado por Paula Guerra e Pedro Quintela, no primeiro capítulo, o facto dos *fanzines* serem produzidos por amadores ou fãs comprometidos, ocorrendo sua principal explosão de disseminação inicial no final dos anos 1970. Em 1990 e nos idos dos anos 2000 foi possível perceber novos potenciais sobre esses veículos de transmissão a partir da Internet, o que fez com que no caso português diversas manifestações *punk* se apropriassem dessas tecnologias para uma disseminação fácil, rápida e barata das bandas e suas produções, mesmo ainda havendo focos de resistência que defendiam a produção e distribuição pelo papel. É ressaltado pelos autores como a atividade do *fanzine* é voluntária, afirmando uma existência e participação social, além da expressão de gostos e estéticas.

No capítulo 2, Matthew Worley explora como no Reino Unido *fanzines* podem ser percebidas como manifestações políticas e históricas, espelhando o avanço do *punk* pela região reconstruindo identidades culturais e contrapondo as imagens das bandas expostas pelos média. É apresentado no capítulo 3 outro trabalho de Pedro Quintela e Paula Guerra, que busca contextualizar a disseminação dessa forma de produção e expressividade em sua correlação com o *punk* indo além das barreiras do Reino Unido, analisando o cenário de Portugal de 1978 até a contemporaneidade. É introduzido no capítulo 4 o caso grego por Yannis N. Kolovos e Nikos Souzas, que contextualizam como os *fanzines* surgem no país, que coincidiu com o colapso do regime militar do país (1967-1974). O capítulo se propõe a ressaltar, a partir da análise documental desses materiais, o aspeto DIY dos *fanzines* no local, principalmente como forma de expressão subjetiva, além de sua conexão com o *punk* de forma translocal e da promoção de contato com as cenas musicais locais de forma mais aproximada. É no capítulo 5 em que esse fenômeno será contextualizado no Brasil, a partir do trabalho de Yuri Bruscky, que analisa as produções da primeira metade dos anos de 1980, sendo percebidas como formas para o movimento *punk* local espalhar informações sobre sua cena e desenvolver uma imagem contrária sobre a disseminação mediática, além do desenvolvimento de mecanismos de ajuda mútua de forma igualitária, sem hierarquizar formas de conhecimento e expressão.

No capítulo 6, Michael Audette-Longo apresenta como em Ottawa, no Canadá, pode ser percebido o fato que a constituição das cenas são um produto e consequência dos aspetos críticos, sociais e profissionais das cenas musicais, questionando as formas tradicionais de consumo capitalista. É no capítulo 7 contextualizado na Argentina, a partir do *fanzine Resistência*, que circulou nos meados dos anos 1980, que é explorada sua relação com o pós-militarismo no país, sendo um local onde indivíduos *punk* podiam circular suas ideias enquanto jornalistas, editores ou tradutores, mesmo sem formação profissionalizada, focando nos protestos anti violência policial que ocorriam antes e depois dos concertos locais. É apresentado no capítulo 8 mais um caso no Canadá, por Atlanta Ina Beyer, que realiza uma análise de um *fanzine* local sobre a estética política inerente sobre os conteúdos expressados por ela e suas intersecções com o movimento *queer*, LGBT e *punk*. Por fim, no último capítulo, o 9, é explorado por Luc Robène e Solveig Serre o caso da revista *Best and Rock&Folk*, lançada na França, e de como ela inicialmente apresentou a cena *punk* de forma amigável e com envolvimento, seguido por um momento de percepção de uma oportunidade comercial para a juventude francesa para, então, questionar o papel dos média sobre as contínuas mudanças de barreiras entre o *mainstream* e o *underground*, questionando as dimensões em que a imprensa se comporta

perante o *punk* e o espaço entre as subversões culturais e suas representações para uma audiência ampla.

A diversidade de representações e possibilidades expressadas pelos diversos capítulos do livro ressalta o valor transglobal da expressividade pelos *fanzines*. Essas análises permitem compreender e visualizar as diversas estruturas comuns que os mundos das artes estabelecem entre si, como elabora Becker (2008), em que os atores desses mundos compartilham conhecimentos e convenções. Esse fato é respaldado pelo trabalho de Guerra & Costa (2016) acerca da contextualização desses mundos das artes na modernidade, com o advento da Internet, fato ressaltado pelo livro, que permite esse olhar embrionário da relação da produção dos *fanzines* com o movimento *punk* até suas manifestações e a relação do campo com as transformações pelas tecnologias, se tornando um pilar para compreensão das atuações desses agentes no campo das artes e além deles.

O estudo de Becker (2008) também permite perceber como o presente estudo se estabelece como um ótimo relato político acerca do estudo dos *outsiders*, sobre sujeitos que são percebidos como fora da sociedade pelos inseridos e que percebem a sociedade como excluída. Os estudos preenchem diversas lacunas, acompanhando processos históricos e contemporâneos sobre essas manifestações marcadamente marginalizadas de expressões subjetivas e estéticas sobre quem vivencia essas realidades. É também possível perceber os efeitos dos processos explorados por Canclini (2015) acerca dos processos de hibridismo cultural na contemporaneidade. Mesmo advindo de uma realidade britânica, o movimento de *fanzines* e *punk* se manifesta em diversas realidades culturais radicalmente diferentes da original, sendo apropriadas e (re)significadas para as demandas locais, demonstrando os efeitos transglobais dessas ferramentas expressivas.

O aspeto cultural contemporâneo pode ser conceitualizado a partir das análises de Crane (1992), que em sua obra percebe o desenvolvimento de uma cultura global, que interage, se modifica e é mediada pelos aspetos regionais e nacionais. Esse fator é ressaltado por Hannerz (1996) em seu uso do termo transnacionalidade, deixando de perceber como apenas culturas nacionais ou um globalizado enquanto uma grande aldeia global, mas como um fenômeno complexo de diversos lugares, tanto um específico global quanto locais em contínuos diálogos dialéticos. Os *fanzines* permitem esse olhar que transcende um lugar ou um fenômeno global sem transformações, ressaltando sua característica inerente artesanal junto com as urgências estéticas e políticas da realidade local.

Torna-se central também trazer o tema da função de memória que propiciam os *fanzines*. Como aborda Halbwachs (1992), a evocação de lugares e tempos diferentes só é possível pela estrutura do pensamento atual, que é vinculada intrinsecamente sobre a estrutura da cultura e do ambiente cultural no qual se mantém relações, sendo intrínseco para o lembrar sua vinculação com a perspectiva de grupo. Esse fato é ressaltado por Connerton (1989), que ressalta o ponto central de formar uma narração significativa, necessitando uma convenção de hábitos para a legitimação social da memória. Os *fanzines*, então, permitem a vivência de uma memória, narrativa e identidade de diversos grupos sociais que as produzem e disseminam, permitindo sua vivência e a elaboração de uma subjetividade vinculada e validada pelo grupo dentro de suas atividades e expressões.

Justifica-se, então, a centralidade do livro por permitir um olhar histórico, social e processual sobre um fenômeno que envolveu diversas realidades por todo o mundo. Ressalta-se sua qualidade para a análise de composição de grupos sociais e de movimentos artísticos e políticos, podendo ser um molde referencial sobre a análise global de identidades e expressões sociais. Essa forma de expressão DIY, que remete sobre as produções cotidianas que desviam das grandes indústrias culturais e midiáticas, podem ser aprofundadas em leituras como de Bennett & Guerra (2018), que demonstram como são produções que ocorrem em escala global e expressam diversas realidades que não são retratadas pelo circuito *mainstream*, reiterando a necessidade de atenção sobre essas formas de manifestação identitária.

Esses fatos são salientados em trabalhos como em Guerra (2018), Guerra (2017) e Guerra, Costa & Borges (2017) sobre como essas manifestações de culturas alternativas e *underground* atuam como resposta contra-hegemônica ao neoliberalismo. Em conjunto com as análises do presente livro, pode-se perceber como são redes locais e globais atuando em conjunto, de forma desviante aos meios corporativistas, para promover emancipação, desenvolvendo uma expressão própria e em grupo de contínua luta contra as transformações capitalistas passadas e vigentes.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Androutopoulos, Jannis K. (2000). Non-standard spellings in media texts: The case of German fanzines. *Journal of Sociolinguistics*, 4(4), 514-533.
- Atton, Chris. (2010). Popular music fanzines: genre, aesthetics, and the “democratic conversation”. *Popular Music and Society*, 33(4), 517-531.
- Becker, Howard S. (2008). *Art worlds: updated and expanded*. Berkeley: University of California Press.
- Becker, Howard S. (2008). *Outsiders*. New York: Simon and Schuster.
- Bennett, Andy, Guerra, Paula. (2018). *DIY cultures and underground music scenes*. Oxford: Routledge.
- Canclini, Néstor García. (2015). *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo, Edusp.
- Connerton, Paul. (1989). *How societies remember*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Crane, Diana. (1992). *The production of culture* (Vol. 1). New York: Sage.
- Guerra, Paula. (2017). ‘Just Can’t Go to Sleep’. DIY cultures and alternative economies facing social theory. *Portuguese Journal of Social Sciences*. Volume 16, Number 3, 283-303.
- Guerra, Paula. (2018). Raw Power: Punk, DIY and Underground Cultures as Spaces of Resistance in Contemporary Portugal. *Cultural Sociology*. Vol 12, Issue 2, 241–259.
- Guerra, Paula; Costa, Pedro; Borges, Vera. (2017). DIY, everyday life and urban creativity. *Portuguese Journal of Social Sciences*. Volume 16, Number 3, 277-282.
- Guerra Paula & Quintela, Pedro. (2016). Culturas de resistência e mídia alternativas: os fanzines punk portugueses. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 80, 69-94.
- Guerra, Paula; Costa, Pedro. (2016). *Redefining art worlds in the late modernity*. Porto: Universidade do Porto - Faculdade de Letras.
- Guerra, Paula & Quintela, Pedro. (2020). *Punk, Fanzines and DIY Cultures in a Global World*. London: Palgrave.
- Halbwachs, Maurice. (1992). *On collective memory*. Chicago: University of Chicago Press.
- Hannerz, Ulf. (1996). *Transnational connections: Culture, people, places*. New York: Taylor & Francis US.
- Nascimento, Melissa Eloá Ssilveira (2010). Fanzines: reflexões acerca do uso de mídia independente na perspectiva de potencialização de ideias. *Revista Extraprensa*, 3(3), 605-613.
- Ribera, Hélio Jorge Amaral. (2018). A oposição conservadora ao movimento punk no Brasil. *Revista Communitas*, 2(Esp), 157-179.

**Gabriel Barth da Silva.** Bacharel em Psicologia e Mestrando em Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Rua de Miguel Bombarda, 384, 2º Andar, 4050-522 Porto, Portugal. E-mail: gabrielbarths@gmail.com. ORCID: 0000-0001-6893-211X.

Receção: 22/10/2020

Aprovação: 27/11/2020

**Citação:**

Silva, Gabriel Barth da (2020). As reconfigurações das memórias: Uma resenha do livro *Punk, fanzines and DIY cultures in a global world*. *Todas as Artes. Revista Luso-brasileira de Artes e Cultura*, 3(3), pp. 130-135. ISSN 2184-3805. DOI: 10.21747/21843805/tav3n3r1